



Bolsonaro alega ter sido mal interpretado ao insinuar prostituição de jovens, diz lamentar se criou constrangimento e culpa a esquerda pela polêmica. Presidente, porém, fez declarações semelhantes sobre as garotas em outras duas ocasiões

# Desculpas a venezuelanas

» VICTOR CORREIA

Pressionado pela repercussão negativa das insinuações que fez sobre prostituição envolvendo meninas venezuelanas, o presidente Jair Bolsonaro, candidato à reeleição, culpou a esquerda, disse que suas falas foram distorcidas e pediu desculpas, caso as palavras tenham provocado “algum constrangimento”. Ele, porém, já tinha feito declarações semelhantes a respeito das jovens em pelo menos outras duas ocasiões.

No vídeo veiculado ontem, Bolsonaro aparece ao lado da primeira-dama Michelle e da embaixadora da Venezuela, María Teresa Belandria. Antes de tentar se explicar, ele atacou opositores. “Estamos indignados com as últimas ações de alguns militantes de esquerda que, sem nenhum pudor, estão pressionando mulheres venezuelanas, a fim de obter vantagem política neste momento”, declarou. “Mesmo depois da decisão do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), tomada em função da mentira que vinha sendo veiculada sobre minha pessoa, esses inomináveis agora dirigem seus ataques contra essas mulheres.”

A crise foi desencadeada no fim de semana, em uma entrevista de Bolsonaro ao canal Paparazzo Rubro-Negro, do YouTube. O presidente relatou que, em um passeio de moto em São Sebastião, num sábado, viu “meninas bonitas” na rua, de 14, 15 anos, “arrumadinhas”. “E vi que eram meio parecidas. Pintou um clima, voltei”, contou. Ele, então,

Reprodução



No vídeo divulgado ontem, Bolsonaro aparece com a primeira-dama Michelle e com a embaixadora da Venezuela, María Teresa Belandria

## Explicações no Senado

No Congresso, a Comissão de Direitos Humanos (CDH) aprovou, ontem, requerimento para audiência pública que visa esclarecer as declarações de Bolsonaro sobre a adolescentes venezuelanas. O colegiado também quer explicações sobre a visita de Michelle e Damares.

insinuou que as garotas se prostituíam. “Se arrumando no sábado para quê? **Garhar a vida**”, acrescentou, na entrevista.

No vídeo de ontem, ele se defendeu: “As palavras que eu disse refletiram uma preocupação da minha parte no sentido de evitar qualquer tipo de exploração de mulheres que estavam vulneráveis. A dúvida e a preocupação que foram levantadas foram quase que

imediatamente esclarecidas à época pela nossa (então) ministra da Mulher, Damares Alves, que foi ao local e constatou que as mulheres citadas na live eram trabalhadoras”.

A retratação foi uma exigência das lideranças femininas e da família das adolescentes ofendidas, que se reuniram com Michelle, Damares e Belandria na segunda-feira, em uma casa do Lago Sul, bem

como uma estratégia da campanha para tentar aplacar a repercussão. Logo após o encontro, as três foram até o Palácio da Alvorada, onde conversaram com Bolsonaro e gravaram o vídeo, no qual a ex-ministra não aparece.

O candidato sustentou que suas falas foram tiradas de contexto por má-fé, e emendou: “Se foram mal-entendidas, ou de alguma forma provocaram

constrangimento a nossas irmãs venezuelanas, peço desculpas, já que meu compromisso também sempre foi o de melhor acolher e atender a todos que fogem de ditaduras pelo mundo”. A primeira-dama também se manifestou, citando a Operação Acolhida, lançada pelo governo em 2018 para receber refugiados da Venezuela. “Como um cristão, devemos acolher ao próximo. A nossa nação cuida e abraça a todos”, destacou Michelle.

## Declarações antigas

A entrevista do fim de semana, porém, não foi a primeira vez em que Bolsonaro contou a história das meninas venezuelanas. O presidente abordou o assunto em pelo menos outras duas ocasiões. Em 12 de setembro, no podcast Collab, foi mais direto: “Estavam se arrumando para quê? Alguém tem ideia? Quer que eu fale? Para fazer programa. Vocês acham que elas queriam fazer isso?”, disse.

Ele fez a mesma insinuação ao participar do Apas Show, em São Paulo, em 16 de maio, com empresários do setor de supermercados. “Fui à periferia de Brasília. Entrei numa república de venezuelanas, sábado à tarde. Dá para imaginar, pessoal? Sábado à tarde. Paro a moto, olhei para trás, umas meninas de 14,15 anos, arrumadinhas. Me surpreendeu. (...) Tinha umas 20 venezuelanas, meninas bonitas de 14, 15 anos, se arrumando pra quê? Se arrumando num sábado à tarde pra quê? É isso que nós queremos para nossas filhas e netas?”, discursou no evento.

## Bolsonaro: “Virada já aconteceu”

O presidente Jair Bolsonaro (PL) valorizou a força política de Minas Gerais durante discurso em Juiz de Fora. Apesar de breve pronunciamento, o candidato à reeleição também afirmou que o estado já “virou” a disputa à Presidência. Antes, ele relembrou o golpe de faca que sofreu na cidade na campanha de 2018.

“Minha Juiz de Fora. Minha segunda terra natal. Hoje é o Dia do Médico. Agradeço aos médicos da Santa Casa de Juiz de Fora por terem salvo minha vida no dia 6 de setembro de 2018. Agradeço a Deus por essa vida e a Ele também pela missão de ser presidente da República”, discursou.

Depois, Bolsonaro exaltou Minas, chamado por ele de “estado da liberdade”. E fez elogios ao governador reeleito, Romeu Zema (Novo). Ao fim do primeiro turno, o gestor passou a atuar como coordenador da campanha do chefe do Executivo. “Ao meu lado, uma pessoa fantástica, que tem me dado apoio pela reeleição, o nosso governador

Romeu Zema”, afirmou.

Bolsonaro fez, ainda, referência a Braga Netto (PL), candidato a vice-presidente. “Minas Gerais, sempre quando tem alguém lá nas cabeças de chapa, o destino do Brasil é para melhor”, frisou, ao lembrar que o general é mineiro.

O chefe do Executivo também pediu voto, já que precisa virar a disputa presidencial no segundo turno. No estado, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) venceu por 48,29% a 43,6%. “Não vai ter virada não, a virada já aconteceu”, enfatizou.

## Otimismo

No ato em Juiz de Fora, os aliados de Bolsonaro também se mostraram otimistas quanto à virada dele, não somente em Minas como no Brasil. Zema, por exemplo, relacionou a recondução do presidente ao futuro do Brasil. “Nós precisamos trabalhar nesses 12 dias, conscientizar aqueles que não votaram em Bolsonaro no primeiro turno (...) O Brasil

depende deste homem aqui para termos um futuro”, enfatizou.

Antes do comício, ainda no aeroporto, Zema fez a tradicional menção aos governos do PT. “Precisamos fazer a cotação do presidente crescer aqui na Zona da Mata. Foi onde teve uma das menores proporções de voto. Temos grande caminhada, potencial de ganhar os votos. Temos que lembrar o desastre que foi o PT em Minas e no Brasil”, destacou. “Temos que resgatar a memória do mineiro. Essa tragédia teve todo o aval do candidato Lula, que apoiou um ex-governador totalmente inapto ao cargo.”

A visita de ontem a quarta visita do presidente a Minas depois do primeiro turno. Da Zona da Mata, ele seguiu para Montes Claros, onde também fez comício, à noite.

De manhã, Bolsonaro esteve em São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Ao lado dele estavam lideranças políticas fluminenses, como o governador do estado, Cláudio Castro (PL). O discurso

Douglas Magno / AFP



Bolsonaro com Zema. Em Minas, presidente perdeu no 1º turno

do presidente teve forte cunho ideológico, com apelo religioso e ataques a Lula.

“No dia 30, não será apenas a escolha de um presidente da República, será a escolha do respeito à família, ou não. Se queremos a legalização das drogas, ou não. Se queremos respeitar nossas crianças, ou não”,

afirmou. “Não à ideologia de gênero. Nós respeitamos a família, diferentemente daquele ladrão de nove dedos. O péssimo exemplo deles se fez presente na sua gestão de 14 anos.” (Ana Mendonça, Bernardo Estillac, Bruno Luís Barros, Mariana Costa, Matheus Muratori, Luiz Ribeiro e Raphael Felice)

## » Pesquisa Ipspe/Abapel

A nova pesquisa Ipspe/Abapel, divulgada ontem, aponta o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na liderança para o segundo turno das eleições, com 53% dos votos válidos. O chefe do Executivo, Jair Bolsonaro (PL), candidato à reeleição, tem 47%. Realizada entre os dias 17 e 18, a consulta mensurou o impacto do debate na TV Band sobre as intenções de voto. Nos votos totais — em que que se consideram brancos, nulos e indecisos —, o petista tem 49%, enquanto o presidente aparece com 43%. Os votos brancos e nulos foram 6% e os que não sabem ou não responderam ficaram em 2%. Considerando a pesquisa espontânea, Lula continua na frente, com 46%, e Bolsonaro, com 42%. Nesse caso, os brancos e nulos chegam a 7% e indecisos marcam 5%.



ALEXANDRE GARCIA

**A MITOMANIA ESTÁ EM SEU PONTO ALTO. PIOR QUE A MENTIRA DESLAVADA, QUE TODOS PERCEBEM, É A MENTIRA DISFARÇADA DE INFORMAÇÃO, CAMUFLADA COMO SE FATO FOSSE**

## O voto e o crime

Desde a antiga Grécia — se atribui a Ésquilo — diz-se que na guerra a primeira vítima é a verdade. Pois é o que estamos vendo, cada vez mais, à medida em que se aproxima o dia decisivo, na guerra eleitoral. A verdade é vitimada todos os dias. No debate na Band, foi uma enxurrada de mentiras. A mitomania está em seu ponto alto. Pior que a mentira deslavada, que todos percebem, é a mentira disfarçada de informação, camuflada como se fato fosse. César Maia criou o verbete fakeoid: tem forma de fato, mas não é fato; é

o fato deformado, adulterado, para enganar quem simplesmente o engole passivamente, sem verificar se está engolindo informação envenenada.

O TSE fez campanhas contra isso, mas, como estamos vendo, não tiveram efeito desejado. Já participei de 24 eleições e vi muitas outras, desde 1945 — a primeira depois da ditadura. Mas nunca encontrei tanto baixo nível como agora. Portanto, as campanhas da Justiça Eleitoral não deram resultado, anuladas pela alta temperatura emocional

da campanha. Além disso, o TSE vem sendo mobilizado pelos partidos todos os dias, não apenas contra calúnias, injúrias e difamações, mas contra fatos do passado e do presente. E a Justiça apressada acaba fazendo censura, o que é proibido pela Constituição, no art. 220. Por exemplo, na informação jornalística dos cumprimentos do ditador Ortega a Lula, que é notícia e não fake news; ou o caso de um documentário da Brasil Paralelo.

Agora, o baixo nível desceu mais, com os tiros contra

o veículo do candidato Tarcísio em Paraisópolis, São Paulo. Se foi atentado planejado — e já estavam prevenidos para isso, ante indícios — ou bloqueio para não entrar, não importa; acaso é que não foi. Não foi o caso de um tiro em que o candidato decidiu intrrometer-se entre dois fogos. O fato é que, se o veículo não fosse blindado, Tarcísio poderia estar ferido ou morto. O episódio faz lembrar do 6 de setembro de 2018, quando Adélio Bispo enfiou uma faca na barreira do candidato Bolsonaro,

que só sobreviveu porque foi atendido imediatamente por cirurgiões competentes da Santa Casa.

O triste é que o fato de Paraisópolis, que impediu a entrada do candidato ao governo de São Paulo se junta ao do Complexo do Alemão, visitado pelo candidato à Presidência Lula, dias antes. Revela a existência de territórios dominados pelo crime, em que a lei brasileira não entra. O ministro Fachin e o Supremo contribuíram para agravar isso, ao impedir a entrada da polícia

em tempos de pandemia. São santuários do crime, territórios “liberados”, em que o poder criminoso permite a entrada de um candidato e bloqueia a entrada de outro. Quer dizer, é o crime participando ativamente da campanha eleitoral. Isso levanta uma terrível pergunta: tem a Justiça Eleitoral o poder de garantir voto livre aos eleitores que moram nessas comunidades dominadas pelo crime? Ou lhes será imposto o candidato que interessa às organizações criminosas?